



PUBVET, Publicações em Medicina Veterinária e Zootecnia.

Histórico e caracterização da raça Gir aptidão leiteira na pecuária brasileira – revisão de literatura

Guilherme Dias Araujo¹, Karina Barbosa de Souza², Raphaella Paula Ribeiro³,
Luísa Anastácio dos Santos de Oliveira³

¹ Médico Veterinário graduado pela Universidade de Uberaba, Uberaba, Minas Gerais, Brasil. E-mail: guilherme.d.a@bol.com.br.

² Médica Veterinária Residente em Clínica Cirúrgica, Hospital Veterinário de Uberaba (HVU), Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

³ Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade de Uberaba, Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

Resumo

A raça Gir é amplamente conhecida por ser um zebu com chifres voltados para trás, crânio ultraconvexo, orelhas médias pendentes e conformação corporal a grande capacidade cárdio-respiratória, muscular e produtora de leite. A introdução da raça Gir no Brasil confunde-se com alguns dos principais eventos históricos e econômicos ocorridos a partir do fim da escravidão e da derrocada dos cafezais no país. Com a crise mundial deflagrada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a consolidação do rebanho Zebu no Brasil foi finalmente impulsionada. Foi neste contexto social do país que a primeira importação de Gir foi efetuada. Os criadores necessitavam de um animal com maior produtividade para poder competir com os outros países, somada à incrível

resistência dos zebuínos; neste mesmo período, com o intuito de valorização do rebanho, foi instituído o livro de Registro Genealógico para raças zebuínas por grandes criadores sediada na cidade de Uberaba no Triângulo Mineiro. Na década de 1950, os pequenos criadores dedicados á exploração leiteira passaram a utilizar, maciçamente, o Gir para melhorar suas vacas mestiças e, dispensavam os animais de elite. A partir daí, diversos selecionadores segregaram as fêmeas Gir de Aptidão Leiteira dividindo a raça em duas vertentes: linhagem para leite e linhagem para corte. Atualmente a raça Gir é considerada como responsável pela consolidação do zebu no Brasil.

Palavras-chave: Gir, *Bos indicus*, zebu, Brasil

History and racial characterization of dairy Gir breed in brazilian livestock – literature review

Abstract

The Gir is widely known to be a zebu with horns pointing backward, ultraconvex skull, middle and pendants ears a body shape with a large cardio-respiratory, muscular and producing milk capacity. The introduction of Gir in Brazil intertwined with some of the major historical and economic events that occurred from the end of slavery and the collapse of the coffee plantations in the country. With the global crisis triggered by World War I (1914-1918), the consolidation of Zebu cattle in Brazil was finally driven. It was in this social context of the country that the first import of Gir was performed. The creators needed an animal with increased productivity to compete with other countries, plus, the incredible resistance of zebu cattle; in the same period, with the purpose of recovery of the herd, was established in the book studbook for Zebu breeds by large breeders, based in the city of Uberaba, in Triângulo Mineiro. In the 1950s, the small breeders, dedicated to the dairy farm, started using Gir massively to improve their crossbred cows, dispensed elite animals. Since then, several pickers segregate females dairy Gir, dividing the race into

two parts: milk strain and beef strain. Currently Gir is considered responsible for the consolidation of the zebu in Brazil.

Keywords: Gir, *Bos indicus*, zebu, Brazil.

REVISÃO DE LITERATURA

Segregados, inicialmente, na região da floresta de Gir, na Índia; a raça zebuína Gir talvez seja a mais antiga do planeta (de acordo com a literatura sagrada hinduísta). É fato que existem rebanhos com história de quase 300 anos na Índia; assim como é a única raça puro-sangue com chifres voltados para baixo e para trás, e com crânio ultraconvexo no mundo. A notabilidade da raça se deve também a incrível mansidão e adaptabilidade leiteira; qualidades essas, que determinaram sua vinda ao Brasil no período da ascensão do Zebu no fim do século XIX e início do século XX (SANTOS, 1999; SANTOS, 2007).

CARACTERIZAÇÃO RACIAL

Em relação à sua aparência geral, gados da raça Gir devem apresentar cabeça com perfil ultra-convexo, ser média, fina e seca, com a fronte larga e marrafa jogada pra trás, não podendo apresentar nimbure; chanfro reto, estreito e delicado; focinho preto e largo, úmido, com narinas dilatadas; lábios grossos e firmes, boca grande e olhos de formato elíptico, brilhantes e de pigmentação escura, protegidos por rugas das pálpebras superiores e cílios pretos. As orelhas de comprimento médio devem ser pendentes, começando em forma de tubo enrolada sobre si mesma, abrindo em seguida para fora, curvando para dentro na ponta e voltada para a face (“gavião”). Os chifres devem ser escuros, simétricos, grossos na base, saindo para baixo e para trás, de seção elíptica se dirigindo para cima e curvando para dentro, de preferência (ABCZ, 2007; FERNANDES et al, 2008; SANTOS, 2007).

A coloração popular é a de fundo claro (branco sujo) com pintas avermelhadas (chitas), ou de fundo vermelho com pintas chitas, variando por

vários tons entre amarelo e vermelho-escuro. Na Índia existe a coloração negra, mas é exceção, tanto quanto a coloração branca total (ABCZ, 2007; FERNANDES et al, 2008; SANTOS 1999).

O animal deve ter formato triangular, visto de lado, de frente e por cima. O pescoço deve ser médio, leve, oblíquo, alto e bem inserido à cabeça e harmoniosamente implantado ao tronco, com musculatura pouco evidente; no entanto, no bordo superior, a musculatura apresenta-se mais desenvolvida. No geral, o pescoço deve formar um ângulo de 45° com o tronco (fêmeas leiteiras mantêm um ângulo de 30° ou menos). A barbela deve ser média, enrugada, solta e flexível, começando bífida debaixo da ganacha (ABCZ, 2007; FERNANDES et al, 2008; SANTOS, 2007).

A região dorso-lombo deve ser longilínea, tendendo a retilínea, ampla e forte. A linha dorso-lombar deve ser proporcional ao conjunto do animal, equilibrada quanto à horizontalidade e largura, comprida no dorso (correspondente às vértebras torácicas e sustentação do costado, abrigando pulmões e coração), larga no lombo (correspondente às vértebras lombares, abrigando o aparelho digestivo e útero gestante), seguindo com a bacia comprida e ancas largas e aparentes. As fêmeas devem ter o comprimento da garupa menor que a largura, pois abriga os órgãos internos da reprodução (ABCZ, 2007; FERNANDES et al, 2008; SANTOS, 2007).

Quanto às características funcionais (cardíaca/respiratória/digestiva), o tórax deve ser amplo e profundo, apresentando costelas largas e longas, oblíquas e chatas, bem arqueadas, afastadas entre si, sem acúmulo de gordura, indicando grande capacidade cardio-respiratória. O abdômen deve ser longo, largo, limpo e alto. Deve ser volumoso permitindo visualizar a forma de "barril", indicando grande capacidade digestiva. O ideal são animais de tamanho mediano, pois são os mais eficientes em um sistema de produção a pasto. Os flancos (vazio) devem ter pele fina e evidente, apresentando ligeira concavidade (ABCZ, 2007; FERNANDES et al, 2008).

O úbere do animal deve ter piso atingindo, no máximo, a jarrete, com comprimento longo e suporte bem definido. A largura dos quartos posteriores

deve ser grande (já que é responsável por 60% da produção leiteira); as tetas devem se apresentar íntegras e simétricas, ter comprimento de 5 a 7 cm, diâmetro de 3,3 cm, em média; espaçadas entre si, centradas no quarto, verticais e paralelas, perpendiculares ao solo. Os ligamentos devem ser altos e bem divididos, exibindo muitas rugas nas nádegas (FERNANDES et al, 2008; SANTOS, 2007).

Os membros anteriores devem ser de tamanho médio com ossatura forte; espáduas compridas e oblíquas, inserindo harmoniosamente ao tórax. As regiões umeral e rádio-ulnar devem possuir musculatura pouco evidente, com articulação úmero-rádio-ulnar e regiões metacarpianas e falangianas bem posicionadas. O ângulo dos cascos deve ser de aproximadamente 45°. Os membros posteriores devem ser limpos, mas com boa cobertura muscular, não devendo apresentar “culote” pronunciado, com tendões e ligamentos evidentes. Vistos por trás, os membros posteriores devem ser bem afastados um do outro para dar lugar a um úbere volumoso. Deve possuir aprumos íntegros, com articulações fortes, angulação correta e jarretes bem posicionados. O ângulo das quartelas nos cascos deve ser de aproximadamente 45° (FERNANDES et al, 2008).

HISTÓRICO NACIONAL

Com o fim da escravidão no Brasil, promovido principalmente pela Guerra do Paraguai (1864-1870) e por leis Imperiais como a “Lei do Ventre Livre” (1871) e a “Lei Áurea” (1888), estava praticamente decretada a derrocada dos cafezais no país. Sendo assim, a saída menos onerosa para as antigas fazendas produtoras de café, era adotar uma pecuária rústica, para fornecimento de leite, carne e novilhos de trabalho. Nesse contexto, o Rio de Janeiro produzia e liberava Zebu para Minas Gerais (quase que exclusivamente para o Triângulo Mineiro); que por sua vez, multiplicava e vendia para o resto do país (sendo a primeira raça zebuína a entrar no país o Guzerá, seguido pelo Nelore). Durando 50 anos (1870-1920), ocorreu essa mudança da “Meca do

Zebu” do interior do Rio de Janeiro para o Triângulo Mineiro (FAUSTO, 2001; SANTOS, 2007).

Com a crise mundial deflagrada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a consolidação do Zebu no Brasil foi finalmente impulsionada. A exportação de carne bovina cresceu vertiginosamente, não importando de qual raça. Desta maneira, o Caracu (raça europeia melhor difundida no país até então), perdeu espaço para o Zebu (Guzerá e Nelore); já que este último ocupou mais espaço, produziu crias saudáveis e mais longevas; graças a sua melhor adaptação aos trópicos. Com o incrível aumento de exportação de carne efetuada pelo Brasil durante o conflito (de uma exportação nula no início, transcorrendo até 60.509 toneladas em 1918); o Zebu passou de gado discriminado, a favor do gado europeu, à moeda viva; como nunca se verificara antes na história do país (RODRIGUES, 1985; SANTOS, 2007).

Com o fim da Primeira Grande Guerra, geraram-se prejuízos aos pecuaristas; já que os rebanhos europeus começaram a atingir os antigos patamares, e os rebanhos brasileiros continham cabeças de gado sobrando enquanto o preço os preços da carne despencava vertiginosamente. A decisão tomada para reverter a situação foi o êxodo dos rebanhos “azebuados” até fazendas cada vez mais longe no território brasileiro, onde as terras eram muito baratas. Na mesma época, nos dias 23 e 24 de junho de 1918, uma grande geada atingiu os cafezais paulistas, dizimando boa parte dos mesmos (diminuindo ainda mais o interesse em café, já limitado, após a guerra); a situação aparente oportunizou a criação de rebanhos Zebu nessas áreas. Além disso, outra tragédia ocorrida no mesmo espaço temporal liquidou rebanhos de origem europeia, a Febre Aftosa; já que os mesmos se encontravam já debilitados graças ao parasitismo por carrapatos. Em 1921, outra doença foi disseminada em algumas regiões do país, a Peste Bovina. Graças às enormes distâncias alcançadas pelo êxodo dos zebuínos em diferentes regiões do país, vários rebanhos sobreviveram por se encontrarem longe de focos de irradiação (ALENCAR, RAMALHO & RIBEIRO; 1996; SANTOS, 2007).

Foi neste contexto social do país que a primeira importação de Gir foi efetuada. Os criadores necessitavam de um animal com maior produtividade para poder competir com os outros países (somada à incrível resistência dos zebuínos), sendo que realizaram cruzamentos entre Guzerá e Gir, resultando ao final na raça Indubrasil em 1928 (SANTOS, 1999; SANTOS, 2007).

Com a turbulência da atividade cafeeira desde o início da década de 1920, a queda da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 só fez piorar a situação; já que o preço mundial do café não pagava sequer o frete. A solução encontrada pelos produtores era praticar uma pecuária mista com suas pequenas propriedades. Apesar de esta situação ter beneficiado na valorização dos rebanhos zebuínos, a revolução civil iniciada no Brasil em 1930, praticamente, liquidou o Guzerá a favor do cruzamento de raças, já que investimentos na área foram cortados. Isso beneficiou as raças puras, principalmente por uma boa importação de Nelores e Gir, promovida por Ravísio Lemos, da Índia, efetuados na mesma época. Para melhor valorização ainda, Getúlio Vargas instituiu livros de Registro Genealógico para raças zebuínas por grandes criadores sediados na cidade de Uberaba no Triângulo Mineiro (CALDEIRA et al, 1997; SANTOS, 2007).

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a exportação de carne bovina foi, mais uma vez, impulsionada; o rebanho mais que dobrou nesse período. Nessa mesma medida, despencaram-se as exportações de algodão, ocorrendo mais uma vez uma fuga à pecuária pelos produtores. Na mesma época houve uma grande valorização do Gir nos rebanhos nacionais, já que, com sua boa genética, a raça foi cruzada com o Indubrasil na esperança de obter-se um híbrido formidável; o que não ocorreu devido ao surgimento de vários tipos de Indubrasil (agirado e guzeratado). Perdendo seu espaço, o Indubrasil decaiu paralelamente à ascensão do Gir (SANTOS, 2007; VIGEVANI, 1986).

Com o fim da Segunda Grande Guerra, instaurou-se no Brasil uma crise para o Zebu. A alta exportação de carne bovina foi além dos limites na época da guerra, o que tornou necessário a importação de carne bovina do

Uruguai durante a guerra. Havia rebanhos tão vastos no país que, com a queda do preço da carne no mercado internacional, os animais eram vendidos com preços ínfimos; vários proprietários de fazendas foram à falência. Na medida que o Gir continuava sua fama (chegando a 70% dos registros genealógicos), o Nelore caminhava para a fama, já que estava sendo vendido a preços bem menores que as raças “da moda” (SANTOS, 2002; SANTOS, 2007).

Na década de 1950, os pequenos criadores dedicados à exploração leiteira passaram a utilizar, maciçamente, o Gir para melhorar suas vacas mestiças e, dispensavam os animais de elite. A partir daí, diversos selecionadores segregaram as fêmeas Gir de Aptidão Leiteira dividindo a raça em duas vertentes: linhagem para leite e linhagem para corte. Em 1955 começou o período de decadência do Gir de linhagem de corte a nível nacional, à favor do Nelore; já que este último, além de outras vantagens econômicas, se adaptou bem ao clima do Nordeste após as secas de 1951/52. Se por um lado o Gir perderia espaço para o Nelore, na mesma época ocorreu uma fermentação na pecuária nacional; com a crise de 1952 e a morte de Getúlio Vargas (1954) gerando incertezas na população, acelerou-se a busca por opções palpáveis por parte daqueles que precisavam obter divisas na pecuária. Antevendo o que iria acontecer, Celso Garcia Cid viajou para Índia e realizou uma importação de bons espécimes Gir (introduzindo novas linhagens leiteiras), Guzerá e Nelore (FAUSTO, 2001; SANTOS, 2002; SANTOS, 2007).

Com o golpe militar em 1964, a preocupação básica do país era promover a atividade primária, sendo um excelente momento para a pecuária. Enquanto o Nelore ainda crescia em popularidade por ser um gado rústico e barato; o Guzerá encontrou seu habitat ideal no Nordeste, já que mostrou aos criadores que era o gado mais econômico nessa região. Por outro lado, o Gir de linhagem de corte perderia cada vez mais espaço, já que seus criadores se confrontavam em relação aptidão da raça (Gir de corte versus Gir de Leite) e perder-se-ia o interesse em registrar esses animais. Além disso, o crescente uso do gado Girolando (cruzamento da raça Gir com Holandesa) ocuparia

muito do espaço da raça Gir, já que os criadores prefeririam trabalhar com um gado rústico, que produzia leite à vontade e era barato (ALENCAR, RAMALHO, RIBEIRO; 1996; SANTOS, 2005; SANTOS, 2007).

A partir do período da Ditadura Militar (1964-1985), os pecuaristas, para fugir da “fúria” fiscal de então, converteram suas poupanças em bovinos comuns, geralmente de orelha curta, anelados. Esse fato se deu pelo menor preço e igual, ou superior, rendimento dos mesmos. Ainda nessa fase surgiu o Estatuto do Trabalhador Rural, que se mostrou mais um ponto negativo para o Gir; já que seus principais criadores eram de pequenas e médias propriedades, desalojando-os e levando-os em direção às cidades. Em 1968 surgiria o Controle de Desenvolvimento Ponderal para todas as raças Zebuínas, estabelecendo-se como parâmetro de comparação para gados de corte (CALDEIRA et al, 1997; 2001; SANTOS, 2007).

A década de 1980 foi marcada por uma incrível alta da taxa de inflação do Brasil e por tentativas do governo resolver esse problema. Na época já existiam milhares de hectares disponíveis para serem doados a qualquer interessado; somando-se a isso, ainda havia o gado rústico, a custo baixo, que constituía um bom investimento. Na época, houve uma massificação de cruzamentos de Zebu com gados Europeus (tendo por base o Nelore); que caiu no final do período, visto a longevidade produtiva e alta prolificidade do Zebu puro. A metodologia na criação da raça Gir, até então, não havia mudado (FAUSTO, 2001; SANTOS, 2007).

A década de 1990 surgiu com o rebanho brasileiro chegando a 150 milhões de cabeças (91,09 cab/hab). Muitos empresários já sistematizavam o uso de inseminação artificial, sendo que dezenas de laboratórios de alta tecnologia surgiram no país. O Gir dominou as pequenas e médias propriedades leiteiras do país (quase 85% de todas as propriedades). Além disso, passou aos anos 2000 tendo fêmeas produzindo 14.000 Kg de leite ao ano. Mais tarde apareceria centros de pesquisas específicas para essa raça, assim como para outras raças (SANTOS, 2007).

REFERÊNCIAS

- ABCZ. **Regulamento do Serviço de Registro Genealógico das raças Zebuínas**. Uberaba, MG: ABCZ, 2007.
- ALENCAR, Chico; RAMALHO, Lucia Carpi; RIBEIRO, Marcus Venicio Toledo. **História da Sociedade Brasileira**. 14 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Ao Livro Técnico, 1996. 467 p.
- CALDEIRA, Jorge; CARVALHO, Flavio de; MARCONDES, Claudio; PAULA, Sergio Goes de. **Viagem pela História do Brasil**. 2 ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 9 ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2001. 660 p.
- FERNANDES, André Rabelo; LEDIC, Ivan Luz; TETZNER, Tatiane Almeida Drummond; VERNEQUE, Rui da Silva. Características de conformação e manejo do Gir Leiteiro. **Informe Agropecuário EPAMIG**. V. 29, n. 243, p. 81-90, mar./abr. 2008.
- RODRIGUES, Luiz Cesar Barreto. **A Primeira Guerra Mundial**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Atual; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1985.
- SANTOS, Rinaldo dos. **O Gir & o Leite na Pecuária Fundamental**. Uberaba, MG: Editora Agropecuária Tropical, 2007. 455 p.
- SANTOS, Rinaldo dos. **Nelore: A Vitória Brasileira**. Uberaba, MG: Editora Agropecuária Tropical, 2000. 560 p.
- SANTOS, Rinaldo dos. **Guzerá: O Gado do Brasil**. Uberaba, MG: Editora Agropecuária Tropical, 2005. 530 p.
- SANTOS, Rinaldo dos. **Os Cruzamentos na Pecuária Tropical**. Uberaba, MG: Editora Agropecuária Tropical, 1999. 672 p.
- VIGEVANI, Tullo. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo, SP: Editora Moderna, 1986. 88 p.